

## O TRÁGICO À ESPREITA

Antígona — de Sófocles a Hölderlin: por uma filosofia "trágica" da literatura, *de Kathrin H. Rosenfield*. Porto Alegre: L&PM, 2000, 426 pp.

**K. Ludwig Pfeiffer**

Dizem que há ou houve uma pós-modernidade que acredita ou acreditou que podia brincar com todas as diretrizes que talvez tenham sido outrora confiáveis. E agora se fala de uma cultura globalizada na qual, além das imagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa, não parece haver mais nada de grande, capaz de arrebatrar as pessoas em seu íntimo, dar-lhes consistência ou emocioná-las. Pode parecer que, em tempos assim, a tragédia ou o trágico, como figura central de tensões culturais, vitais e críticas, teria se retirado da cena. O grande livro de Kathrin Rosenfield nos mostra, de maneira decidida e sutil, que as coisas não são assim. Se bem que muitas épocas não tenham

conhecido a tragédia, ou a conheceram de modo mascarado, o trágico e suas metamorfoses podem continuar reivindicando validade, embora apenas de modo subterrâneo e clandestino, como corporificação central de tensão cultural. Como forma frágil, com certeza, mas mesmo assim iniludível, "fatal", da ligação conflituosa da confiabilidade pessoal e transpessoal.

Quando recuamos, com Kathrin Rosenfield, até Hölderlin, passando comparativamente por Musil e Nietzsche, por Eliot e Flaubert, por Baudelaire e Dostoiévski, as liberdades pós-modernas parecem mais ser (por ora) a última fase, que vai chegando ludicamente ao fim, de enrijecimento do imaginário, de perda de flexibilidade do intelecto, bem como de sensibilidade cultural e pessoal. As sociedades tradicionais, que gostamos de considerar rígidas, davam-se o luxo, nessa perspectiva digna de consideração, de cultivar um imaginário flexível. Elas proporcionavam extensas engrenagens de pensamento e sentimento (já T. S. Eliot tentara, com a fórmula do *felt thought* — pensamento sentido —, descrever os

"poetas metafísicos" ingleses do início do século XVII em sua alteridade), abriam campos plenos de tensão para a cultura, uma vez que, pela regulamentação completa do cotidiano e do mundo da vida (mediante gestos rituais, formas miméticas de comportamento), desoneravam a consciência da laboriosa e estressante negociação que nos permite configurar e ordenar a vida cotidiana.

Ora, se hoje o cotidiano e o mundo da vida são desregulados nos moldes depravados de um aparente *"anything goes"*, eles são livres de importar peças decorativas e substituíveis que transformam o imaginário cultural numa espécie de auto-estetização inflacionária. Mas por mais grandiosos que sejam os *slogans* publicitários dos meios de comunicação de massa — desde *Casa e Decoração*, com bombardeio televisivo contínuo, até a malhação e a cirurgia plástica — o que se perde é a tensão vital que liga o estético ao imaginário numa consciência trágica da cultura. Mas será que com isso desaparece inteiramente o potencial do trágico? Ou será que nossa dificuldade de perceber esse potencial não viria do fato de estarmos presos na "armadilha da modernidade", nas promessas de felicidade que atingiram proporções inesperadas com a declaração de independência dos Estados Unidos? Trata-se aí de promessas de felicidade que há anos Klaus Wahl descreveu como uma ilusória "tripla constelação de promessas" (uma imagem universalista do ser humano, direcionada sobretudo a direitos, formas da crença no progresso, acoplamento de afetos e estruturas sociais — por exemplo, de felicidade amorosa e conta conjunta no casamento), que Hegel (na *Fenomenologia do Espírito*) descreveu, por exemplo, como "palpitações cardíacas para o bem da humanidade", sendo que estas, para ele, dificilmente podiam ser distinguidas do "bramir da louca presunção própria".

O livro de Kathrin Rosenfield está inserido nessas configurações, e com isso adquire um brilho muito atual, em termos de teoria da cultura e da história. A autora modula e modera tudo isso de modo bem cauteloso, mas mesmo assim perceptível. Estamos longe de esboçar a riqueza concreta do livro. Ao escolher a *Antígona* de Sófocles e a "tradução" que Hölderlin fez para essa peça (dois "dramas" tão difíceis quanto fascinantes), ela é capaz de desenvolver interpretações filologicamente precisas e expostas de maneira penetrante que vivificam o aspecto dramático das peças. A autora

mostra assim que o trágico, como corporificação da engrenagem repleta de fricções entre cultura pessoal e cultura pública, está à espreita justamente onde não se torna visível como conflito conceitualmente formulável de valores e normas. A tragicidade de *Antígona* consiste na queda mutuamente produzida de Antígona e Creonte, embora — esta é a idéia estupenda da autora — entre ambos não exista, a rigor, um conflito realmente fundamental, não obstante se possa ter a superficial impressão contrária. Por isso, nas partes finais da versão de Hölderlin, Antígona discute de modo quase conciliatório com Creonte — o próprio Hölderlin fala do seu "aspecto amável, sensato na desgraça" (cf. cap. 4). Assim, este livro vai muito além das tradições da interpretação filológico-filosófica de Sófocles quando resgata Creonte, salvando (por intermédio da leitura hölderliniana) essa figura trágica de sua redução à condição de mero representante de interesses estatais e quando evidencia a equivalência das duas trajetórias heróico-trágicas de Antígona e Creonte (caps. 4, 5 e 6). E não localiza o verdadeiro efeito trágico na figura principal num rigorismo ético que lhe deva ser atribuído, e sim numa beleza complexa, inquietante e até assustadora com a qual o eterno moralista Schiller não soube lidar já no caso de Sófocles.

Nessas passagens o livro adquire grande tensão que ultrapassa os objetos tratados. Somos levados a pensar na reviravolta dos destinos trágicos em Shakespeare, numa peça como *Marco Antônio e Cleópatra*, em que justamente o metaforismo da beleza e dos instintos (dos *"appetites"*; Cleópatra, por exemplo, como *"a wonderful piece of work"*, como mulher que ocasionalmente se apresenta como uma "vaca em junho" picada por insetos; a tolice senil — *"dotage"* — de Marco Antônio, que parece apenas um *"boy"* a César etc.), cultivado de maneira fria e descritiva pelo "observador" Enobarbo, entre outros, destaca o aspecto tragicamente incomensurável das figuras (*"There's beggary in the love that can be recon'd"*). Também e justamente Enobarbo, o principal produtor do metaforismo preciso e frio, é alcançado pela vingança do sentimento trágico. *"O Antony! O Antony!"*, exclama ele quando pressente o alcance — eticamente nem tão problemático — de sua deserção.

O respeito às tradições filológicas e sua simultânea superação adquirem acento específico na estratégia decisiva da obra de Rosenfield; a saber, na visão da problemática da tradução de Hölderlin

como desvio da modernidade (dos modernos) que nos reconduz a um Sófocles ao mesmo tempo novo e velho. Dessa forma a autora consegue tirar imenso proveito da literatura sobre a história da cultura e da antropologia da cultura, chegando a uma descoberta empolgante da modernidade arcaica de Sófocles. Na tradução, que, como "cálculo poético", é deliberada e problematicamente mais que uma tradução, aciona-se uma experiência estética em que o trágico, para além de conflitos concebidos conceitualmente, adquire "intensidade íntima". A tradução transforma-se numa "metáfora" na acepção literal do conceito: num transporte (o termo francês *"transport"* como remoção extática sugere isso de maneira mais impressionante), isto é, numa transposição fascinante do pensamento finito na sensação infinita.

Por isso Kathrin Rosenfield começa seu livro com referências aparentemente simples às idéias de Hölderlin sobre o ritmo. Mas elas se ampliam imediatamente, implicando um problema fundamental que, na modernidade, foi mencionado repetidamente por Musil: pode o cálculo poético, sobretudo o poético-trágico, combinar precisão matemática e intensidade imaginativa? Nessa questão estão entrelaçados aspectos filológicos, midiáticos e filosófico-históricos. O "primeiro prefácio" de Rosenfield deixa claro que as *idéias reçues* a respeito dos gregos e da idade clássica não são mais suficientes para tais propósitos. O classicismo de cunho grego não se desprende suficientemente das "espécies de representação de nossa época", que, como diz Hölderlin nas "Observações sobre Antígona", implodem na "fraqueza" de uma existência "carente de destino". Por isso a palavra moderna não é mais, como a "grega-trágica", diretamente "mortal-factual". Hoje em dia, teremos de aceitar e louvar essa deficiência de tragicidade por razões "humanitárias". Mas ela não nos dispensa, como a autora destaca repetidamente, reportando-se a Hölderlin, da necessidade de encontrar ou inventar efeitos "mais diretamente fácticos" da palavra. Com isso Hölderlin de modo algum se perde nas profundezas de doutrinas "irracionais" da inspiração. Pelo contrário: já nas "Observações sobre Édipo" ele acusa com alguma veemência a "poesia moderna" de negligenciar o "elemento artesanal", afirma que seu "modo de proceder" poético é "calculado e erudito, e que, uma vez aprendido, ele sempre pode ser repetido confiavelmente no exercício".

Entretanto, a concepção de uma máquina poética, de uma "lei calculável", precisa ser relacionada com um "sentido vivo" que *não* pode ser calculado. Na apresentação do drama as personagens precisam ser transformadas de representantes ético-sociais em agentes dinâmicos dos quais emanam um "tom" e uma aura que nos dão a medida do enigma da vida. Eis uma prescrição que a televisão de hoje ignora em grande parte, em seu próprio detrimento. De certa forma, o livro de Kathrin Rosenfield é a descoberta de certas tentativas já presentes em Sófocles e também em Hölderlin, tentativas de transformar o simples ritmo e as normas sociofamiliares num "ritmo de representações" (Hölderlin) que são inelutáveis tanto quanto não-dogmáticas. Caso se siga a caracterização de Sófocles feita por John P. A. Gould na nova edição do *Oxford Classical Dictionary*, então a filologia clássica tem de se haver com implicações contrárias de imagens de Sófocles: ao estilo médio, estável-harmônico, que se atribui tradicionalmente a Sófocles contrapõem-se, aparentemente, o enorme volume de registros lingüísticos e uma teatralidade não raro inquietante. Com a imbricação do repertório lingüístico e da teatralidade, Sófocles elevou-se à condição de mestre da metáfora cênica (*"enacted metaphor"*, no dizer de Gould). Um grande mérito do livro de Rosenfield consiste em ter produzido o *nexo profundo* entre esses elementos aparentemente heterogêneos e tê-lo estendido à combinação do cálculo poético com a intensidade "íntima" (essa a palavra usada por Hölderlin para designar as camadas mais ocultas ou latentes do significado).

E aí manifestam-se nexos históricos que também poderiam tornar-se significativos para historiadores e filólogos. Por exemplo, quando Rosenfield revela as noções e práticas antropológicas que possibilitam que Antígona apareça como filha no regime de epiclerado. Essa instituição — até hoje raramente discutida nos fartos comentários da tragédia — assegura, na Atenas clássica, a continuidade de uma dinastia ameaçada de extinção, de tal modo que a filha do rei falecido (Édipo) pode dar a este um sucessor. Este, portanto, não é encarado como descendente de seu pai biológico (Hemon). Rosenfield reconstitui as possíveis combinações dessas práticas históricas com o ideário da saga dos heróis tebanos, consolidando sua perspectiva, elaborada mediante recurso a Hölderlin, num diálogo com os grandes intérpretes de Sófocles — Jebb e Easterling,

Knox e C. Segal, passando por Hegel, Reinhardt e Schadowaldt, chegando até a antropologia histórica influenciada pelo estruturalismo (Vernant, Vidal-Naquet e Nicole Loraux, para mencionar apenas alguns nomes notáveis). Sobre tudo aqui o livro é uma novidade tanto na pesquisa de Sófocles quanto na de Hölderlin.

Creio que o enfoque histórico-antropológico de Rosenfield, justamente por ser ao mesmo tempo histórico e abrir horizontes para o trans-histórico, poderá afirmar-se contra as muitas atualizações. Dentre essas atualizações, a última parece vir de Judith Butler: aí Antígona, antes uma figura de identificação das pessoas que "compreendem os conceitos de parentesco de maneira inteiramente nova", é elevada à "alegoria da crise do parentesco" na era que inventou a maternidade das "barrigas de aluguel" e do casamento de homossexuais.

No campo de tensão entre filologia, consciência midiática e filosofia da história coloca-se um problema *metodológico* para o trabalho. O livro é amplamente convincente pela sutileza de suas análises interpretativas, mas uma vez que o "texto" de Sófocles provou múltiplas interpretações, coloca-se a pergunta sobre como, em mais uma interpretação, pode-se conservar o excitante-íntimo sem que este, no apagamento da memória escrita, desça à condição de escombros culturais. É possível tornar visível o íntimo de Hölderlin ou, em termos wittgensteini-anos, esse íntimo pode só abrir-se à "compreensão rápida" de Hölderlin como "mostrar-se" na análise filológico-midiática? Afinal, segundo Wolfgang Stegmüller, o "Wittgenstein da primeira fase operava com um conceito duplo do mostrar ou mostrar-se: no mostrar exterior interpretamos a estrutura de uma frase como a estrutura interna de um estado de coisas. Ao lado disso, porém, revela-se, de maneira indizível, a estrutura interna da realidade na estrutura interna da linguagem. O problema não é solúvel, mas é tratado brilhantemente por Rosenfield. Ela nos lembra que o problema lógico-ontológico de Wittgenstein está prefigurado, em termos de linguagem e história da mídia, em Sófocles, nas complicadas transições de oralidade e escrita. Com Sófocles, que ficou com a maioria dos prêmios no concurso das representações únicas, começa maciçamente a transformação da tragédia em escrita. Ela coloca a tragédia numa posição ambivalente entre acontecimento e monumento canônico, mas psicoculturalmente subtraído. Retorna mais incisivamente com

Hölderlin, no estágio da escrita hegemônica, na tensão entre cálculo poético e ritmo das representações. Em cada caso de modo específico, o problema se "mostra" na forma como, apesar de todo o ímpeto do transcurso trágico, as imagens sugestivas em Sófocles e Hölderlin impedem uma distinção clara entre agressão e sofrimento. As imagens declinantes fazem que o ser humano seja apreendido como o mais audacioso e assombroso dos seres, o qual, mesmo assim, "não chega a nada".

Sem cair na "*fallacy of the imitative form*", as interpretações de Rosenfield também transmitem aos leitores, na sequência de prefácios, capítulos e digressões, formas domesticadas daquele "olhar de raio" (*Augenblick*, súbito raiar da perspicácia) que o poder lingüístico de Hölderlin comunica de modo imediato a seus leitores. Demonstram como Hölderlin, sobretudo por meio de suas evidentes transformações do modelo, inaugura, deslizando entre registros lingüísticos, um campo de autonomia estética. Mas isso só para jogar o leitor, com ímpeto maior ainda, de volta para a tragicidade de Sófocles.

Embora essa tragicidade não consista no conflito entre Antígona e Creonte, Antígona adquire, na obra de Hölderlin, uma espécie de hegemonia trágica. Ela mostra como uma inteligência sensível consegue se mover no "impensável" (Hölderlin) de modo mais impressionante que Creonte ou seu filho. Esse movimento gira em torno do incesto como forma de autogeração (e autodestruição), pela qual Antígona, mesmo assim, precisa assumir responsabilidade. (Leitores de hoje poderiam, talvez, divisar nisso um irônico comentário sobre o empobrecimento dramático das atuais teorias sociológicas ou neurocientíficas acerca da autogeração e auto-referência.) Se a heroína trágica é uma virtuosa da autodestruição, então o que se aproxima do inconcebível é ainda o discurso "puro" de Tirésias, que se mantém equilibrado entre mundos incomensuráveis — o mundo humano e o além das forças da natureza — sem qualquer argumentação. A voz que fala por meio de Tirésias não é tanto a consciência observadora, mas uma autoconsciência subliminar, porém alerta e mesmo sublime.

De certa fonna fecha-se aqui um círculo (que naturalmente e no fim das contas sempre fica aberto), e desloca-se para o presente a trajetória desse livro substancial e rico. Pois as ciências e semânticas da atualidade não só não permitem que se leve em conta antecipadamente essa consciência; elas tam-

bém dificilmente colocam à disposição perspectivas nas quais se perfilaria uma posição nítida do estabelecimento de um objetivo. Em vez disso, tais problemas são mascarados com terapias corporais que muitas vezes parecem dogmáticas. Embora existam filósofos "sensíveis" que se ocuparam com Hölderlin de forma comparável à de Kathrin Rosenfield, pensamos, com certo pesar, no desprezo com que foram tratados livros como *Personal knowledge: towards a post-critical philosophy*, de Michael Polanyi. É verdade que os potenciais de uma autodestruição cresceram incomensuravelmente no sé-

culo XX, em comparação com a autodestruição pessoal de Antígona (e de Creonte). Mas no cruzamento da *Antígona* de Sófocles e de Hölderlin levado a efeito por Rosenfield somos confrontados indiretamente, e mais ainda, com as mutilações humanas que resultaram para a modernidade — e isso quer dizer: também para nós — da tentativa, ou também da tendência, de empurrar o trágico para o museu de acervos cognitivo-afetivos.

K. Ludwig Pfeiffer é professor de Teoria Literária da Universidade de Giessen, Alemanha.